

Gama Cerqueira, um homem de bem

JOÃO DA GAMA CERQUEIRA

Não é fácil para um filho escrever sobre a personalidade, a vida ou a obra de seu pai, sem que o receio de envolver-se nas dobras de um sentimentalismo insípido ou de perder-se em puro panegírico faça secar as fontes da ternura, que nem o tempo nem a vida conseguem estancar. E não é possível a um filho falar de seu pai sem um fundo de ternura, que é o sinal sensível do amor que uma vez os uniu para sempre.

Na infância, o pai é apenas uma presença, mas presença essencial ao equilíbrio moral dos filhos. A criança não lhe compreende o papel, mas como que o adivinha. O pai é aquele que dissipa o medo e os vagos temores, acalma, alegra, incute nos filhos a confiança e dá-lhes o sentimento de segurança diante da vida. Na adolescência, o filho toma consciência dessa presença e a imagem que forma do pai nele se grava profundamente e influencia a constituição de sua personalidade.

A imagem que guardo de meu pai é a de um homem bom, forte, corajoso, seguro de si, no qual se equilibravam as emoções e os sentimentos, as virtudes espirituais e morais e o senso de suas responsabilidades e deveres de estado. Homem "naturaliter christianus", como dizia Tertuliano, tinha a intuição do que Don Fulton Sheen chamou de "sacramento da paternidade", como a revelação da paternidade divina. Possuía a vocação de pai, do ofício de pai, que soube exercer com todos os seus atributos, principalmente com a autoridade de chefe de família, de que era bastante cioso. Nunca, porém, sentiu os filhos o peso dessa autoridade que não era constrangedora, senão a marca do amor com que a exercia. Não foi um pai autoritário e distante, intolerante e intransigente, que comandasse os filhos e lhes absorvesse a personalidade, impondo-lhes a submissão e o respeito. Granjeava-lhes a obediência espontânea mais pela persuasão do que pela coação, mais pela benignidade do seu caráter do que pela sua severidade, mais pelo seu exemplo do que por uma atitude dogmática; em vez de impô-las, procurava associar os filhos às suas decisões. A veneração de que sempre o cercaram não era o respeito imposto por quem podia exigí-lo, mas o fruto da sua justiça, da sua bondade, da sua clémencia, da sua retidão e da sua honestidade diante dos filhos, que afastava de suas palavras e de seus atos qualquer suspeita de insinceridade ou dissimulação. Para ele, posso dizer, a autoridade, embora exercida com firmeza, era o amor em ato. Foi a maneira como a usou que deu à nossa família a sua atmosfera e a sua mística. Meu pai, até a sua morte, foi sobretudo um pai. Como disse Pégyu no Mistério dos Santos Inocentes, "aquele que uma vez foi pai não pode ser senão pai". E por isso, "eu dobro os joelhos na presença do Pai de quem toda paternidade, no céu e na terra, tira o seu nome (Efes. 3, 14.15).

Conviu intimamente com meu pai desde a minha adolescência até os seus últimos dias, no contacto diário do lar ou do seu escritório, onde fui admitido ainda calouro. Conheci-lhe bem o espírito, o carácter, o temperamento, as virtudes, os gostos, as pequenas fraquezas e idiosincrasias. Fui o seu dactilógrafo durante muitos anos, ainda depois de formado. Dono de uma caligrafia escorreita, clara e uniforme, meu pai conservou durante muito tempo o hábito e o prazer de escrever os seus trabalhos forenses, o que fazia com raras emendas ou rasuras. Dotado de singular facilidade de improvisação (nunca conseguiu escrever um discurso ou uma conferência, fazendo-os de improviso), passou depois a ditá-los, sem prejudicar a riqueza vocabular e as qualidades de estilo.

Ditava-os correntemente, mantendo com rigor o nexo lógico das idéias e dos fatos; e, quando se interrompia para folhear os autos, para consultar autores e leis ou para preparar uma xícara de café das inúmeras que sorvia pela noite afóra, retomava o ditado no ponto exato em que o suspende-ra, sem perder a sequência do raciocínio.

Formado na escola do direito natural e infenso ao positivismo jurídico, custou meu pai a afeição-se ao Direito Civil codificado, cujas normas Rui Barbosa escastou em engastes de ouro, ele que se habituara á buscar do Direito no constante manuseio do Corpus Juris Civilis, das instituições, das velhas Ordenações Filipinas e dos reinícolas, dos nossos e dos civilistas portugueses, franceses e italianos. Ao contrário, nasci para o Direito com o Código Civil, promulgado no ano em que comecei a cursar a segunda série do currículo jurídico, sendo professor de Direito Civil o inesquecível mestre José Ulpiano, felicitando-me por dispor de um instrumento que iria poupar-me as conseiras dos estudos a que meu pai se entregará desde estudante. Mas, no seu entender, as normas codificadas não bastavam, sem que lhes conhecessemos a origem, a razão que as ditara e os fundamentos romanísticos, com o que procurava incentivar-me em estudos mais profundos. Não lhe herdei, porém, os pendores pelos estudos do Direito Penal e, sobretudo da Criminologia ou da Sociologia Criminal, que o conduziram á cátedra que conquistou na Faculdade de Direito. Esses pendores trazia do tempo em que, exercendo a profissão em Minas Gerais, na Zona da Mata, dedicou-se á advocacia criminal, que continuou a atraí-lo em São Paulo, durante mais de uma década. Lembrou-me, ainda, da hora em que chegava de suas viagens ao interior, trazendo na roupa de brim e no chapéu "panamá", as marcas da terra roxa das zonas de Ribeirão Preto. Iniciou-me meu pai nos labores da advocacia, quando eu ainda cursava o 3.º ano da Faculdade, conversando sobre as causas que patrocinava, expondo-as nos seus pormenores e nos seus aspectos jurídicos. Era um aprendizado que se fazia sem sentir. Feito bacharel, acostumei-me a debater com ele as questões jurídicas que surgiam, valendo-me da sua tolerância de mestre e da liberdade que me dava de discordar e discutir.

Conservou sempre o velho hábito mineiro das conversações amenas, que tornam mais humano o comércio dos homens. Discretamente sobre qualquer assunto e sempre sabia encontrar o mais adequado ao seu interlocutor, não considerando desperdiçado o tempo que lhe dedicava. Em casa, nas horas de refeições ou de noite, antes de se entregar ao trabalho, que se prolongava habitualmente até a madrugada, dialogava com os filhos, sem jactância, com a simplicidade de espírito que lhe era peculiar. Desambicioso de bens materiais, exerceu a profissão mais com o espírito de servir do que o de servir-se dela para lucrar e o que conseguia ganhar com o seu labor não lhe pertencia, mas á família, que era numerosa, e aos necessitados.

Um de seus raros biografos dele escreveu: "Gama Cerqueira, um jurista que manteve a mesma altura como advogado, como professor e como político". Poderia ter acrescentado com justeza: e como homem. Destaqui, no princípio, a sua vocação para o ofício de pai. O mister de pai coincide, porém, antes de tudo, com o mister de homem. E este ele o exerceu com a mais alta dignidade. Foi, sobretudo, um homem de bem, em todo o sentido desta expressão. Acredito ser esta a palavra que mais lhe agradaria ouvir, porque nela se resume inteira a sua personalidade. Tal expressão não é mais corrente na linguagem de nossos dias e as novas gerações não lhe apreendem o sentido antigo em toda a sua riqueza, como um julgamento de valor. Não por que não haja mais "homens de bem", pois que, por mercê de Deus, muitos são os que existem, mas por que a essa excelsa qualidade outros valores, autênticos ou não, se sobrepõem, como a ciência, a técnica, o talento, a bravura ou o poder, a riqueza, o êxito, a esportividade. O homem de bem é o homem reto por excelência, reto no pensar, reto no sentir, reto no agir. E' o homem em que se crê e confia, cuja palavra é o penhor da verdade; de que não se suspeita nem dúvida, que não falseia nem dissimula, que preza a sua honra e respeita a alheia, que crê nos outros homens porque, antes de tudo, crê em si. Meu pai foi um desses homens.

Curso de História

Terá sequência hoje, ás 13h30, na Casa do Pátio do Colégio, o III Curso de História de São Paulo, promovido pela Associação dos Cavaleiros de São Paulo e oficializada pela Secretaria de Educação.

Falará a dra. Carlota de Queiroz sobre a Revolução de 1932 — da mulher paulista

REEMBOLS

ATENDE-SE A PEDIDOS PELO

2